

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	SP	03	--	2012	F40	09
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombo Cangume
LOCALIDADE	Quilombo Cangume
MUNICÍPIO / UF	Itaóca/SP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Literatura Oral
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Antônia Gonçalves de Pontes	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
OCUPAÇÃO	Lavadora	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 01/11/1933
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☒ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____	

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**SP 03 -- 2012 F40 09****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

O levantamento das referências culturais quilombolas registrou e reuniu narrativas dos 16 quilombos participantes do projeto. Associada às narrativas está a prática de contar histórias, tendo como veículo a palavra falada. A introdução das escolas nos bairros rurais onde estão localizados os quilombos se deu em momentos distintos do desenvolvimento dos municípios, conforme foram sendo construídos os acessos às localidades mais isoladas. Em comunidades mais afastadas, só agora a alfabetização está em curso efetivamente, de modo que, nesses locais, os adultos tem muito pouca relação com o mundo da escrita. Seus conhecimentos foram adquiridos por meio da transmissão oral do saber acumulado dos mais velhos e pela experiência.

A oralidade característica das comunidades tradicionais é um importante vetor de transmissão de saberes e valores compartilhados, e por meio dela são estabelecidas as normas de conduta aceitas socialmente. Isto se aplica ao conjunto de narrativas recolhidas nos quilombos do Vale do Ribeira. São histórias que percorrem o tempo e o espaço, se proliferam em diferentes versões e se atualizam em toda parte.

As narrativas assumem função lúdica e educativa, atuando na formação moral dos indivíduos. Nelas encontram-se exemplos do que é certo e errado, e o que pode acontecer com aquele que não age adequadamente. Os contextos de enunciação destas histórias são vários. Em situações de encontro comunitário para uma atividade agrícola ou religiosa, em festas, ou simplesmente no âmbito familiar, no espaço doméstico.

As narrativas podem ser "causos reais", de fatos ocorridos com parentes, compadres e conhecidos, narrativas míticas que resultam de representações do imaginário local e abordam temas que envolvem criaturas e fenômenos sobrenaturais. Muitas vezes, causo e mito se confundem, impregnando os causos de mistérios e aproximando os mitos da realidade das pessoas. Há também narrativas que se aproximam das fábulas, quando os animais são personagens principais e possuem atributos humanos.

Negrinho d'água, boi-tatá, corpo-seco, saci, capora, curupira, mãe de ouro, boi d'água, mula-sem-cabeça, lobisomem, bruxa. Alguns destes seres são identificados como representações do diabo, são maléficos e possuem poderes mágicos, oferecendo perigo àqueles que com eles se deparam. É comum associar a aparição deste seres no período da quaresma.

Outras explicações para a concentração de ocorrências com visages e assombrações na quaresma referem-se ao fato de, neste período, algumas pessoas desrespeitarem as regras religiosas do período da quaresma, como restrições alimentares e determinadas práticas, aproximando esses seres maléficos dos infratores.

As falas dos mais velhos enfatizam a importância das histórias, da transmissão e a percepção de que o interesse dos mais jovens por este tipo de narrativa está diminuindo. A seguir estão as histórias reunidas em Cangume:

História do Curupira ou Capora

Personagens provenientes da mitologia tupi-guarani. Também conhecidos como currupiras e caiporas. No folclore brasileiro, as narrativas parecem confundir as duas personagens. Não são muito comuns as histórias sobre caporas e curupiras nos quilombos do Vale do Ribeira. As narrativas abaixo trazem descrições que aproximam os dois. São conhecidos como seres da floresta, que protegem a mata e os animais contra aqueles que cortam árvores e matam caça. Embora a representação comum da capora e do curupira seja de um caboclo ou índio, com ou sem pelo, que tem os pés voltados para trás e montam um porco do mato, nas narrativas coletadas as criaturas não andam montadas, mas se reconhece que os pés pra trás.

"O que eu sei da capora é que meu tio contava dos dois irmão que foram pro sertão caçar, chegaram lá no sertão e atearam um paiózinho que acharam que tava abandonado. Ficaram lá. Quando tava pertinho de anoitecer eles resolveram posar lá. Acenderam fogo, atearam uma paquera que tava em cima de um jirauzinho ali no fogo. Um dos irmãos era muito teimoso e teimou que ia assar aquela paquera pra comer. O outro irmão falava que não bulisse, mas ele pegou e assou aquela paquera. Comeu sozinho, porque o outro não quis mexer.

Quando foi umas horas da noite, chegou aquele semelhante bicho feio no paió e foi procurar a paquera pra ele comer, mas não achou nada mais. Ele começou a gritar quem tinha comido a paquera, que ele queria a paquera dele. O homem que não tinha comido ficou morto de medo e se escondeu, o que tinha comido ficou ali, ele não quis correr do paió. Aí o bicho viu que era ele que tinha comido, pegou ele, matou, tirou a barrigada dele e tirou a paquera e comeu que gritava ainda. Aquela hora o outro ficou escondido e quando viu que o bicho tinha destripado o irmão dele pra comer a paquera, saiu correndo. Ele saiu correndo, o corpo do homem ficou e um pacotão de tripa ficou lá pra trás. O homem ia correndo pelo caminho a fora, correndo, e aquele pacotão de tripa correndo atrás. Correndo, pulando, gritando "espere eu irmão, nós viemos junto, vortemos junto". O homem olhava, pensando que era o irmão que tava falando, mas era só a barrigada dele. Diz que ele chegou num rio e tinha uma ponte de madeira que o homem travessou depressa e saiu correndo e o bolão de tripa pulou dentro d'água e aí não teve jeito. O rio era grande e aí não

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

03

--

2012

F40

09

teve jeito, foi embora.

Então o homem que foi embora, chegou na casa e não sabia nem como contar pra família como que tinha acontecido aquilo. Ele nunca mais foi pro mato caçar, só de medo do que tinha acontecido. Quando perguntavam pra ele como era esse bicho que tinha feito o serviço de destripar o irmão e ele falava que decerto que era a tal de capora. É um bicho invisível, porque como que foi matar o corpo do irmão e a barrigada ficar viva gritando ainda? O meu tio falava que se essa história for verdade essa capora é um bicho invisível. Dizia pra nós: se vocês entrarem no mato então você vê um rastro que não é igual os outros bichos, é quase igual o rastro de gente, que não facilitasse, porque essa tal de capora diz que é invisível. O meu irmão tinha meio cisma de garrar no mato por causa dessa história (Antonia Gonçalves, Cangume, 2010).

"Esse que tem o pé pra três é o curupira. Ele anda pra frente, mas o pé fica virada pra três. Eles ponhavam o milho no minjolo e ele ia lá, escorava o minjolo, comia todo o milho e saía pro mato. Aquela turma que morava naquele mato ali saíram tudo de medo dele" (Joel, Cangume, 2010).

Histórias de Onça, Macaco e Bode

Fábulas envolvendo onças são muito comuns na literatura oral sulamericana, não apenas indígena. Conhecida por ser o mais perigoso predador da cadeia alimentar na floresta, a onça é temida e respeitada. A onça povoa o imaginário também dos quilombolas do Vale do Ribeira, como revelam estas duas narrativas coletadas nos quilombos Cangume e São Pedro.

A primeira fábula narra a história do bode que foi morar na floresta e temia a onça. Ele conseguiu, pela astúcia, não ser devorado. A segunda fábula inclui um aspecto da relação de parentesco: a onça quer devorar o macaco, seu genro. Nas duas fábulas, o bode e o macaco, presas potenciais da onça, fogem pro mato para não serem devoradas.

É bastante comum em todas as sociedades humanas, narrativas nas quais os animais têm atributos de humanidade (falam, constroem casas, têm parentes, casam, arquitetam estratégias) e a crença na capacidade transformacional dos seres uns nos outros. Em sociedades de cosmologia animista ou perspectivista - como diversos povos indígenas amazônicos e africanos - estes aspectos fazem parte da realidade vivida, e muitos aspectos da organização social e cultural destes povos derivam deste modo de se relacionar com a natureza. Não foi possível identificar nos levantamentos para o inventário, a origem e consequências deste tipo de história entre os quilombolas do Vale do Ribeira.

"Tinha um homem que tinha uma cabritada no terreiro e tinha um bode que ficava o dia inteiro deitado em cima da pedra ali. Aí o homem falou que ia atropelar ele pro mato, então o bode resolveu fazer uma casinha pra ele morar lá no mato. Ele foi e quando ele começava a armar a casa, começava o serviço, já tava terminado o serviço. Ele desconfiou e se perguntou quem será que tava ajudando ele ali no trabalho.

Quando terminou de fazer a casinha dele e foi posar, chegou a onça pra posar também. Ele ficou com medo pensando em como ele ia fazer. No outro dia, a onça saiu pra caçar, achou um viado, matou ele e levou lá pra casinha do bode. No outro dia, o bode foi se vingar daquilo e saiu também pra caçar. Desapareceu no meio do sertãozinho. Chegou lá no meio do sertão e tinha uma pedrona grande e começou a subir. Lá embaixo viu uma porcada tomando banho e, em cima, uma onça marcando pulo, esperando ficar o último porco pra pular, matar e comer. O bode chegou bem pertinho da orelha da onça pra dar um brado pra ela pular no meio da porcada. Ele deu um brado e ela caiu no meio da porcada e eles mataram ela. O bode pegou a onça e arrastou ela pro paiol onde a onça viva tava e ponhó a onça morta ali. Ficaram os dois, o bode com medo da onça e a onça também com medo do bode. Quando foi a noite tava um fogão que o bode fez a onça. Foi e ficou ali quentando o fogo. Os dois. De repente o bode cochilou ali e o casco dele caiu na brasidão, no fogo. Ele saiu berrando e a onça pulando pro meio do mato, até que ele atropelou ela pro meio do mato" (Joel, Cangume, 2010)

Piada do Papagaio

Piada contada em Cangume, humor quilombola.

Tinha um papagaio muito louco pra contar as coisas. O homem matou uma vaca no terreiro, tirou o couro e ponhou num abacateiro, o papagaio viu o dono fazer tudo isso. Depois passou o dono da vaca procurando ela: "viu, cê não viu uma vaca passar por aqui?". O dono falou "Eu não vi", o papagaio pulou na frente: "eu vi! Mataram a vaca, tiraram o couro e ponharam lá no abacateiro". Aí o dono pegou e tirou tudo a pena do papagaio, deixou ele sem nada. aí um dia tava chovendo, fazendo frio e passou um pintinho sem pena, correndinho pelo terreiro. Aí o papagaio perguntou pra ele: "ué, ocê contou da vaca também?" (Joel, Cangume, 2010).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	03	--	2012	F40	09
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE	
---------------------------	--

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8. BIOGRAFIA

--

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

9.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

03

--

2012

F40

09

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO				SP	03	--	2012	F40	09
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	03	--	2012	F40	09
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Inventário Cultural dos Quilombos do Ribeira

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	03	--	2012	F40	09
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	9A e 9B		
PESQUISADOR(ES)	ANNA MARIA ANDRADE, JAIME MACIEL PONTES E JULIANA FERREIRA		
SUPERVISOR	Anna Maria Andrade		
REDATOR	Anna Maria Andrade e Juliana Ferreira		DATA 05/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Anna Maria Andrade		